

VARIAÇÕES EM UM LUGAR-ESCOLA ATRAVESSADO PELO CINEMA
E
CARTOGRAFIA DOS AFETOS DO ESPAÇO ESCOLAR ATRAVÉS DAS IMAGENS
E
DERIVAS DOS CORPOS-CÂMERA POR UMA ESCOLA INFANTIL
E
MUITAS CÂMERAS NO JARDIM DA INFÂNCIA
E
...

Wenceslao Machado de Oliveira Jr.

Uma pesquisa onde praticamente tudo é inicial e provisório. Inclusive os títulos que aparecem aqui foram inventados como tentativas iniciais de dizer daquilo que segue pouco claro. Essa é a primeira tentativa de escrita sobre essa proposta de pesquisa cartográfica no encontro entre cinema e escola, entre um cinema que pretende entrar em devir cineclube e uma escola pública de educação infantil, localizada numa região periférica da cidade de Campinas, em São Paulo, que pretende entrar em devir cinema... e cineclube.

Estou cheio de dúvidas.

O que posso dizer com certeza é que a pesquisa tem como “problema” as relações entre espaço e imagem e que ela se configurará por acompanhar as variações mútuas no lugar-escola (espaço) e no cinema (imagem) a partir da chegada de um outro modo do cinema operar naquela comunidade escolar.

A partir disso, tudo é ensaio, passo em falso, gagueiras, risos, experimentações.

Para que este texto traga para si e seus leitores essa situação de ensaio, decidi brincar com sua formatação, abrindo nele vazios entre as palavras, desejando que eles sejam locais onde se fabulem e se fabriquem percursos ainda por vir, forçando a ideia de inacabado, de não querer dar uma forma mais fechada para algo que está em gestação, por isso, frases (aparentemente soltas), autores colocados somente como tópicos, letras que, embora dificultem a leitura, dão espaço para outros pensamentos, entendimentos, divagações...

A experimentação que fiz para buscar trazer essa formatação foi simples: retirei as frases dos slides de power point de minha apresentação oral no 7º Encontro com Imagens e Filosofia, que teve como tema “travessias”, e fiz a mera transposição daquela formatação centralizada para a formatação justificada no word. O “entre” que se abriu na escrita efetivado pelo recorta e cola entre os dois softwares me deu a sensação de que ali se figurava a travessia inconclusiva desta pesquisa aqui trazida como foco de palavras, imagens e silêncios.

Gostaria	de	começar
com	algumas	imagens:
cinema	realizado	numa
filmes realizados numa escola.		escola,

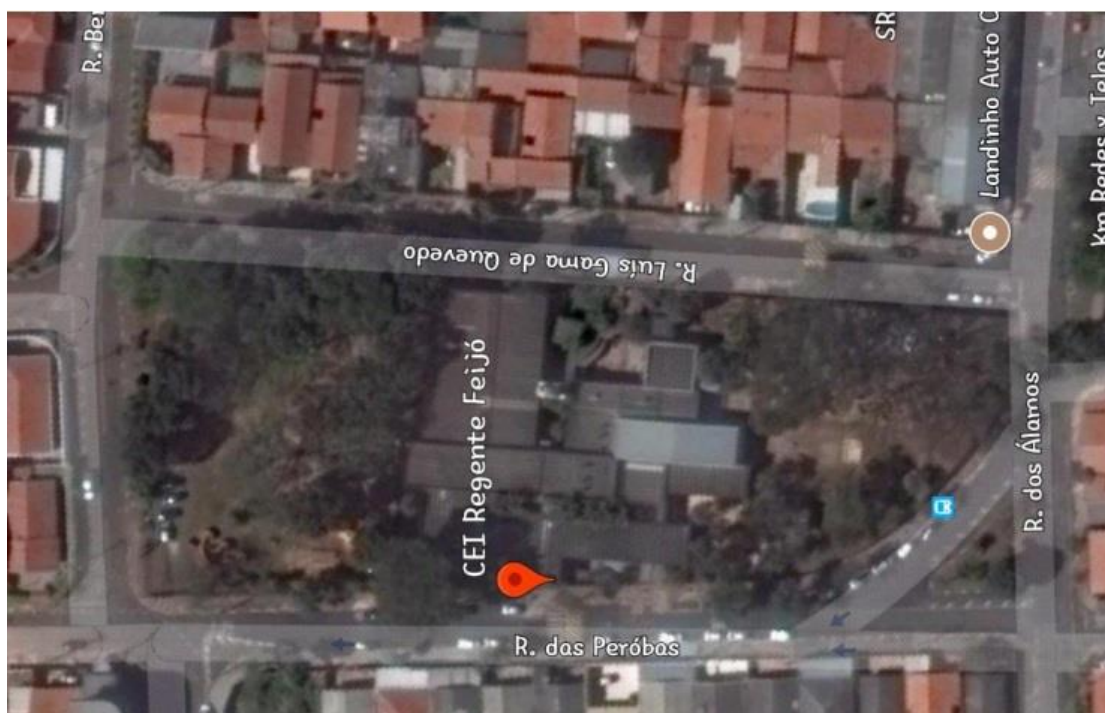
No entanto, não posso trazer para esse texto as imagens cinematográficas com as quais gostaria de começar. Elas foram captadas, montadas ou editadas em um ambiente escolar e, nesse momento, estão restritas aos contextos presenciais da pesquisa, sem liberação para divulgação impressa, que fixaria nelas algo mais estável.

Mas como essas imagens se encontraram comigo?

No final de 2015 o Programa “Cinema e Educação: a experiência do cinema na escola básica municipal”, da Secretaria Municipal de Educação de Campinas-SP, voltado a fomentar cineclubes nas quase 200 escolas da rede, fez uma parceria com o grupo de pesquisa onde atuo, OLHO, para pensarmos e implementarmos juntos as ações desse Programa. Propusemos que os cineclubes fossem voltados à produção de imagens audiovisuais (cinematográficas)...

e que esse “cinema expandido” fosse tomado como arte... como atuação no sensível... através da experimentação de dispositivos de criação de imagens... inicialmente capturados do Projeto “Inventar com a Diferença”... depois a invenção de outros e outros dispositivos... as oficinas... bem como seus desvios... inevitáveis...

Os filmes que pretendo focar em minha pesquisa foram/são/serão os produzidos em uma das escolas da Rede Municipal de Campinas: CEI REGENTE FEIJÓ E CEI CHA IL SUN



Fonte: Google Earth

Duas escolas de Educação Infantil que compõem um mesmo lugar-escola como espaço extensivo.

O mosaico de fotos a seguir foi feito pelas professoras das duas escolas. Cada uma fez uma foto do local que mais lhe afeta naquele lugar.



“Nossa! Como a escola é bonita!”

Essa foi a frase, dita durante a exibição de um dos primeiros filmes feitos por lá, que me levou a pensar na pesquisa. Afinal, a escola sempre esteve lá, como lugar, e foi somente ao ser tornada imagem que sua beleza se fez presente (se fez intensidade, afetou os corpos). A lembrança de uma passagem do livro “Inevitavelmente cinema – educação, política e mafuá”, de Cezar Migliorin (2015), me veio: “Em oposição ao feio, não estava o bonito. Ela não disse que o que era feio havia ficado bonito, mas que o que era feio havia virado cinema” (2015, p. 129).

Essa era uma boa pista para perseguir, como “problema de pesquisa” (problema como aquilo que me força a pensar). Junto com essa lembrança do livro de Migliorin, quando relata fatos de quando o cinema chegou em algumas escolas com o Projeto *Inventar com a diferença*¹, me vieram muitas perguntas:

1. Seria essa frase um indício de que há dimensões do espaço cotidiano – dos lugares – que tornam-se sensíveis somente quando e si são tornadas imagens?
2. Nesse sentido, as imagens seriam uma das referências para ver o mundo?
3. Que mundo – que lugar-escola – emerge das imagens, forçando a escola a devir outra? Nesse caso, o mundo visto através das imagens seria sempre outro, algo que está deixando de ser o que era, uma vez afetado pela imagem? As imagens, então, desabam sobre as paisagens...
4. Um “corpo-com-uma-câmera” é sempre híbrido e mira o espaço – é afetado pelo lugar-escola – em seu devir imagem? Portanto, não é sensível às coisas, mas ao devir delas enquanto imagens?
5. E o que ocorre quando essa criação de imagens se dá nas proximidades da arte, criações PARA NADA, sem objetivo algum que não o de trazer ao mundo um novo objeto sensível?

Essas imagens, palavras e perguntas formam tanto o material empírico que pretendo focar quanto foram aquilo que me afetou para propor essa pesquisa à escola. É importante salientar que a pesquisa não busca conhecer uma escola através das imagens, mas sim acompanhar as transformações/variações no lugar-escola quando um outro cinema ali se instala como nova trajetória.

O que me interessa são as afetações das trajetórias – sobretudo as inumanas – que configuram um lugar-escola na produção de imagens cinematográficas. Em outras palavras, o que afeta um corpo-câmera a mirar em certa direção, bem como ligar-se

¹ <<http://www.inventarcomadiferenca.org/>> e <<https://www.facebook.com/inventarcomadiferenca/>>.

e
em certo momento.

desligar-se

Há outros intercessores conceituais que atravessam essa pesquisa.

Para além de Cezar Migliorin, aponto brevemente três deles em seus modos de me afetar o pensamento.

DOREEN MASSEY

- o conceito de espaço: configurado através de inevitáveis interações e negociações entre trajetórias heterogêneas e coetâneas; trajetórias humanas e inumanas que se (des)articulam provocando devires; o espaço é algo sempre em devir;
- o conceito de lugar: copresença e encontros articulados e desarticulados entre trajetórias heterogêneas; a política estando mais marcadamente presente nas desarticulações, onde as negociações são inevitáveis e provocam devires de maior potência;
- a trajetória do cinema como prática social e artística desarticula articulações anteriores entre cinema e escola, ao mesmo tempo que cria novas articulações – inusitadas e insuspeitadas – entre o cinema e outras trajetórias que já configuravam aquele lugar-escola: outros encontros, outros devires... para o cinema, para a escola.

DELEUZE-GUATTARI-ESPINOSA

- os afetos/afectos como dobras dos encontros nos corpos;
- os encontros alegres como aumento de potência de vida;
- a vida de algo como variação desde dentro dele mesmo: vidas inumanas: da escola, do cinema, da educação, da imagem...; vidas humanas: dos professores, dos alunos, dos funcionários, dos pais...

FERNAND DELIGNY

- uma radicalização da perspectiva espinosiana dos afectos ao escapar da linguagem-cognitivo;
- as coisas afetam os corpos humanos como elas mesmas e não (só) pelas suas representações via linguagem: os escapes do significante;
- o trabalho com autistas, corpos não capturados na linguagem: traçam percursos e intensidades... as referências espaciais substituem o signo (linguístico);
- traçar mapas: cartografar as intensidades dos trajetos de “*Ce Gamin, lá*” (Esse Menino, aí) que não tem um si mesmo;
- traçar mapas não para os autistas, mas de acordo com eles... um território não identitário... onde o corpo de um estrangeira o outro.

A partir dos escritos de Fernand Deligny, que é meu grande encantamento nos últimos dois anos, formulei algumas frases que me têm ajudado a partir a aproximar das imagens a partir das potências que ele aponta nelas ao aproximá-las de algo que escapa da linguagem:

1. Quando os professores e alunos estão em meio ao cinema, produzindo imagens, experimentando dispositivos, lidando com câmeras e cenas... não miram as coisas como signos do nosso mundo, mas como coisas de um mundo que pode vir a existir através do cinema, um filme a ser experimentado... um mundo por vir.
2. A câmera ao acoplar-se num corpo efetiva um corte transversal nesse mundo capturado da linguagem (dos signos significados) arrastando os corpos humanos às proximidades do autismo uma vez que os signos foram arrastado à condição de coisas numa relação ainda por vir (uma relação que só virá a existir, se vier, na imagem): isso força esse "camarear" a se efetivar como "tentativas" (experimentações abertas) ao invés de "iniciativas" (ação com fim deliberado).
3. As imagens são domesticadas pelos signos. As imagens imaginadas antes de serem feitas já são domesticadas, deixando de ser "verdadeiras"; Uma "imagem verdadeira" é um "acontecimento", uma imagem que "escapa ao conhecimento"...
4. Uma "imagem verdadeira" alça voo: seu voo seria o acionamento da "reserva de imagens não reprimidas" quando ocorre um "acordo" entre as imagens (entre elas mesmas, não passível de ser pensado/imaginado antes delas).

Além disso, ou justamente por isso, uma "imagem verdadeira" nunca está sozinha, mas sim compõe uma formação, uma tropa, uma agenciando outra e outra... no momento que é feita/vista arrasta aquilo que tocou para devires outros... algo que está deixando de ser o que era...

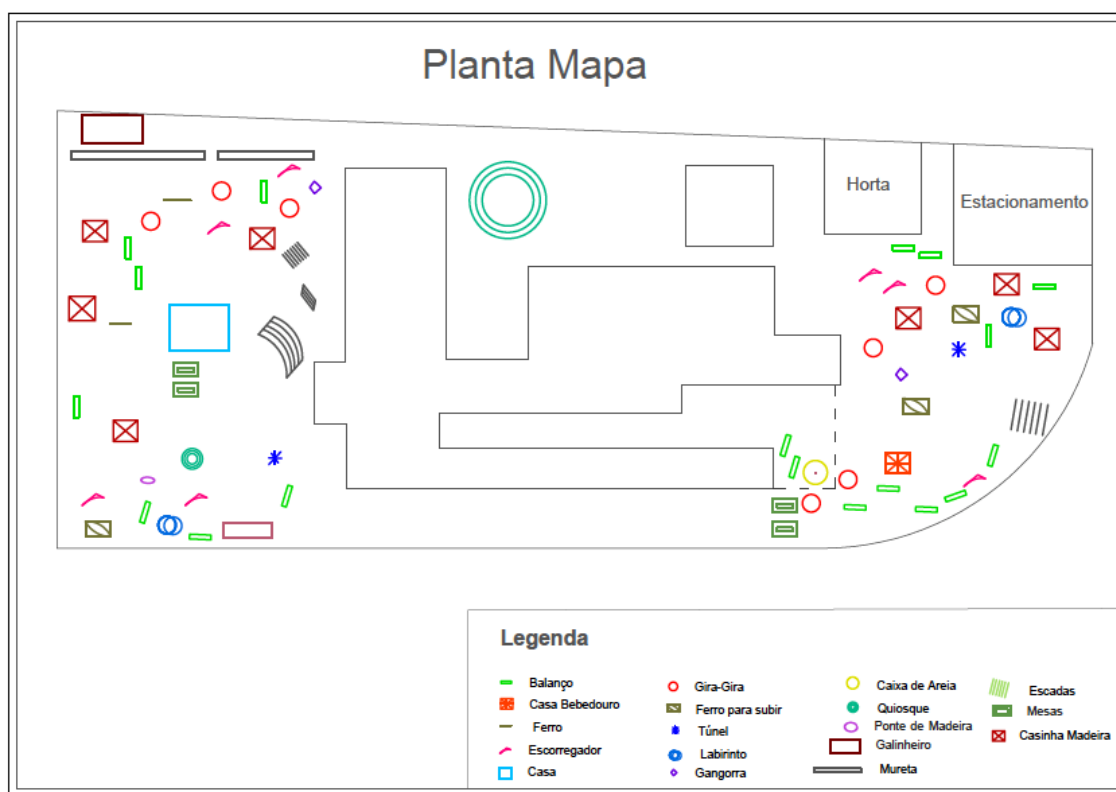
“Estrangeirar” esse outro dele mesmo: derivas...

Um menino autista não faz nada: ele atua. [...] O mesmo ocorre com a imagem: uma imagem não se “faz”; uma imagem surge, não é mais que coincidência... A imagem, no sentido em que a entendo, a imagem própria [verdadeira], é autista. Quero dizer que não fala. A imagem não diz nada. (DELIGNY, 2009, p. 121 – tradução livre do espanhol)

A partir do acompanhamento da criação de imagens pelas professoras e também pelas crianças, talvez possa vir a dizer quais e quando algumas delas alçaram voo. Talvez o verbo dizer seja equivocado; talvez o melhor verbo fosse, à exemplo de Deligny, traçar, cartografar...

Talvez	possa	dizer	que
pretendo	traçar	duas	cartografias:
uma	intensiva	—	rizomática
rastreadora		das	forças;
um		mapa	aberto.
outra	extensiva	—	científica
localizadora	das	linhas	e pontos;
um		mapa	fechado.

A base para isso, uma mapa fechado e colorido. Ele permanece, por enquanto, sem nenhum traço ou força...



Elaboração: Stella Rodrigues (Bolsista SAE-Unicamp) a partir de imagens do Google Earth e visita ao lugar-escola

Ao longo da pesquisa pretendo traçar “mapas” das imagens e não dos corpos. Ou seria melhor dizer que esses “mapas” das imagens também serão “mapas” dos corpos que se dão a ver como corpos híbridos: corpos-câmera?

encantamentos...

dúvidas...

intercessores...

perguntas...

pesquisa!

Referências

- DELEUZE, G. *Espinosa e o problema da expressão*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELIGNY, F. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- DELIGNY, F. *Permitir Traçar Ver*. Barcelona: Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2009.
- DELIGNY, F. *Los vagabundos eficaces*. Barcelona: Editorial Estela, 1971.
- ESPINOSA. *Ética*. Lisboa: Relógio D'água, 1992.
- MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MIGLIORIN, C. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.